



COLEÇÃO
HESPÉRIDES
LINGÜÍSTICA

09

MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE O BILINGÜISMO

Transversalidades II

Cristina Flores

ORGANIZAÇÃO

hmnus



Universidade do Minho
Centro de Estudos Humanísticos

LITERATURA COM GLOSSÁRIO: O BILINGUISMO COMO PROVOCAÇÃO AO LEITOR

Joana Passos

UNIVERSIDADE DO MINHO | CEHUM - PORTUGAL

AS REFLEXÕES QUE AQUI PRETENDO PARTILHAR RESPONDEM AO CONVITE IMPLÍCITO NO TÍTULO (e tema) de um colóquio que se definiu como “transdisciplinar”. Assim, proponho um espaço de reflexão e aprendizagem na fronteira da literatura com a linguística, abordando o tema do bilinguismo a partir da escrita literária.

Será talvez conveniente começar por afirmar que ao contrário do que acontece com crianças bilingues ou com alunos bilingues, o bilinguismo de que falo está fora de um contexto de insegurança ao nível da competência comunicativa, nem está ligado ao desenrolar de qualquer espécie de aprendizagem formal. Na escrita literária estamos perante manipuladores da língua sumamente competentes, e no caso de escritores cujo percurso de vida os tornou bilingues, qualquer interferência de uma língua segunda num texto por exemplo escrito em língua portuguesa, é, com toda a certeza, uma interferência deliberada, e mais do que isso, carregada de significados que se pretendem transmitir ao leitor.

Como nos recorda Solovova (2008: 144) “Cada sistema de escrita tem como objectivo a representação gráfica do fluxo acústico de uma língua falada”. Mas no caso dos escritores, uma excepcional licença artística sanciona a possibilidade de se contornarem as regras que regem as distinções entre diferentes línguas, desde que estes o façam de uma forma igualmente eficaz em termos comunicativos. Tal eficácia

verifica-se nos excertos que aqui serão discutidos, apesar de serem exemplos de escritas com traços de bilinguismo, onde encontramos deliberadas contaminações entre dois sistemas linguísticos.

Os casos estudados são retirados do romance *O Livro dos Rios* (2006), de Luandino Vieira, da antologia poética *Súria* (1962), de Vimala Devi, e de um conto de Orlanda Amarílis intitulado “Cais do Sodré” (1974).

Uma característica comum a estes três textos é o facto de incluírem, anexo ao texto literário ou no fim da antologia, um glossário. Este glossário funciona como recurso que de alguma forma compensa o leitor pela inesperada manipulação das regras de escrita, de forma a legitimar uma continuada (e gerida) interferência de uma língua segunda. Portanto, o glossário é um recurso que auxilia o leitor na compreensão total de um texto onde aparecem, inseridos em frases de língua portuguesa, vocábulos de um outro sistema linguístico. Abordemos então o primeiro exemplo.

1

Luandino Vieira e o bilinguismo em *O Livro dos Rios*:

“E eis que, sempre aí, Kimongua Paka, o que era meu pai, foi homem de uma só palavra, “Makutu!”¹ – e, com o Lopo embaralhando cartas para uma bisca-lambida, saía aquela dimanda que até hoje o meu coração guarda: que, para começo de crónica, esses espíritos não eram dessas almas do outro mundo, jovens, vadias e órfãs, eram canzumbis, ou melhor: jinzumbi, puros espíritos de gente sepultada com ritos e usos e costumes por ali, nos tempos do caparandanda e dos capitães-mores. Portanto, gente queimada como você, seu capitão mer das águas e mentiras quer, se teve, essa foi no rio com cinzas, lenha e carvão e restos deles que nem jacaré nem cães não comeram.”

(Luandino Vieira, *O Livro dos Rios*, 2006, páginas 63-64)

Como se pode verificar na citação acima transcrita, embora seja possível reconhecer a língua portuguesa como o sistema linguístico de

¹ Mentiras!

referência nesta escrita, é visível no texto a presença de vários termos em quimbundo, uma das línguas de Angola. Para além de apresentar um exemplo de bilinguismo, pela inclusão de vocábulos de uma outra língua num texto em português, quereria apontar a partir deste mesmo exemplo algumas das estratégias usadas pelo autor para familiarizar o seu leitor com esta língua “alternativa”:

Makutu - Mentiras (explicado em nota de rodapé)

Canzumbi - (ou cazumbi) Alma do outro mundo (termo que figura no glossário).

Jinzumbi - (é explicado no próprio texto e não figura no glossário).

Caparandanda - do tempo muito antigo, antepassado (termo que figura no glossário).

Verificamos, então, que Luandino Vieira usa três estratégias para familiarizar o seu leitor com o quimbundo: as notas de rodapé, o glossário, e explicações inseridas no próprio texto. Creio que o acumular de estratégias explicativas, mesmo neste curto excerto, revela a preocupação em assegurar a eficácia da comunicação tanto mais que, como podem verificar, é significativa a quantidade de termos em quimbundo que estão patentes nesta curta amostra.

Porque investe Luandino Vieira tanto neste jogo com o bilinguismo? O que ganha o texto em termos de significado com esta presença do quimbundo? Recordemos, para sublinhar a relevância desta questão, que no âmbito da escrita de Luandino Vieira a existência de um glossário e a presença do quimbundo são práticas comuns a vários dos seus livros.

Em primeiro lugar, esta coexistência da língua portuguesa com outras línguas africanas remete-nos para a realidade linguística nesse continente. Muitas vezes, em África, o português é língua oficial, mas não é a única língua, nem é, inclusivamente, a primeira língua para a maioria da população. A consolidação da língua portuguesa nos países de África onde é língua oficial depende do ensino, da televisão, da rádio e de outras circunstâncias materiais concretas, algumas delas tão básicas como o simples acesso ao ensino formal. Também poderá depender, em parte, do que os portugueses fizerem como incentivo, e do que as autoridades locais acharem conveniente. A verdade é que esta realidade poliglota deve ser reconhecida, e é deste universo linguístico

e destas realidades multiculturais que Luandino Vieira nos dá notícia, paralelamente à narrativa do enredo do seu romance.

Num outro nível, penso que este gesto criativo tem conotações políticas e ideológicas. No caso da relação da língua portuguesa com o quimbundo de Angola (ou como veremos nos outros dois exemplos incluídos neste artigo, na relação do português com a língua concani de Goa ou com o crioulo de Cabo Verde) existe uma história de colonização que subjaz à convivência das duas línguas. Nestas escritas bilingues, não só a língua portuguesa perde o estatuto normativo que lhe era atribuído num contexto colonial, conotada como a língua do poder, mas também se consoma nesta escrita com marcas de bilinguismo a divulgação e afirmação de outros sistemas linguísticos previamente marginalizados (tornados invisíveis e transparentes) num contexto colonial. Por outras palavras, esta escrita mestiça de português e quimbundo realiza uma afirmação de identidades culturais que coexistem (e coexistiram) com a língua portuguesa. Para além dos ressentimentos da história, e da provocação à suposta pureza de um sistema linguístico que se assumia como norma, surge, neste conturbado e mutante período pós-colonial, a mestiçagem linguística como metáfora da emergência e afirmação cultural de civilizações do hemisfério sul.

Um outro tipo de mestiçagem presente neste excerto (escrito) é representado pela invocação da oralidade. Neste caso não estaremos a falar de bilinguismo mas de fusão de registos, isto é da inclusão de marcas de oralidade na linguagem escrita. Tomemos em conta alguns exemplos:

- (a) dimanda;
- (b) capitão mer das águas;
- (c) a construção “nem...nem...não”.

Embora não seja uma questão de bilinguismo, esta interferência da oralidade recorda-nos toda uma série de questões ligadas aos reflexos linguísticos das histórias coloniais. É evidente que palavras portuguesas se terão tornado comuns nas línguas locais, mas nem sempre acompanhadas da devida escolaridade. Sublinho o vocábulo “dimanda”, incluído no glossário de quimbundo com o sentido de “contenda” e que é, com certeza, uma herança latina e por isso portuguesa. Por outro lado, o desigual acesso a uma escolarização que permitisse

o perfeito domínio da língua portuguesa ditou múltiplas histórias de exclusão social e de impossibilidade de acesso a uma série de empregos apetecíveis. Afirmar o valor desta oralidade que quebra a norma do português é um gesto orgulhoso, nacionalista, que valoriza a realidade popular, corrente e comum de uma cultura africana, dando expressão literária à sua forma de apropriar a língua portuguesa.

De seguida, chamaria a atenção para o exemplo b) onde o jogo com a oralidade se verifica pelo termo insultuoso que não é escrito mas sugerido, e acaba por ser dito (mer/das) pela continuidade sonora entre as duas palavras. Por último, acrescenta-se ao exemplo a) (que evocava improvisadas apropriações da língua portuguesa) a incorrecção escrita no exemplo c), que se afasta da correcção formal da língua portuguesa.

Se a inserção de vocábulos do quimbundo no excerto citado reproduz a integração da língua portuguesa no mapa de outras línguas e culturas angolanas, afirmando a vitalidade das últimas e relativizando a posição normativa do português, somos, enquanto leitores, levados a suspender um juízo marginalizante em relação a uma fala (aqui escrita) marcada pelas carências educativas vividas no contexto de uma realidade política e histórica conturbada. Não se trata de mera liberdade criativa, de neologismo surpreendente. A questão nos textos de Luandino é mais séria: é legítimo que o narrador que assim fala se expresse desta forma. É um contexto de escolaridade improvisada, e um percurso de sobrevivências possíveis, que descodificamos enquanto leitores desta oralidade indirecta.

Concluiria, dizendo a respeito da escrita de Luandino Vieira, que é uma escrita regeneradora e necessária, em que o bilinguismo é metáfora de outras fusões e paralelismos sociais que a sociedade angolana tenta tornar funcionais, tão funcionais como esta escrita que apesar da presença de uma língua inesperada, comunica tão poderosamente.

2

O segundo texto que gostaria de abordar é um poema de Vimala Devi onde encontramos alguns termos “retirados” do concanim (ou konkani), a língua do estado de Goa:

Chandrîm

Vem, Chamdrîm feiticeiro, com a tua luz concreta,
Transformar as casas de churtas em casas de prata,
E deixar que os farazes penetrem os oiteiros
Em busca de bambus com que tecer sobrevivência!

O Mandovi e o Zuari, fios de lágrimas salgadas,
Abrigam deuses tisonados e humildes,
Que nas noites escuras regressam tristes
Com alforrecas nas redes e com as tonas vazias.

Vem, Chandrîm, rei do firmamento nocturno,
Perolizar, com as tuas tintas mágicas,
Os troncos nus de curumbins crestados pelo sol
- Velas derretendo no pereno meio-dia!

(Vimala Devi, *Súria*, 1962)

No caso deste poema, a questão do bilinguismo não pode ser encarada de uma forma tão directa como no texto de Luandino Vieira. É verdade que o poema inclui termos da língua concani para designar determinadas castas. Mas enquanto que usar o termo "Chandrîm" para designar "Lua", é um exemplo de bilinguismo semelhante à técnica de Luandino Vieira (no sentido em que se dão a conhecer vocábulos de uma outra língua, e assim se traz ao leitor a consciência de uma outra realidade cultural), por outro lado, a designação de castas referida no texto não teria equivalente na língua portuguesa. São portanto, termos importados para a língua portuguesa, embora tão ligados a uma realidade local específica que poderiam não ser conhecidos pelo falante metropolitano. Foi aliás esta questão uma das razões que me fizeram seleccionar este poema para discutir aqui a exploração do bilinguismo em literatura. Termos como "churtas" (Sudras?), "farazes" e "curumbins" são exemplos da possível aquisição de novos vocábulos para a língua portuguesa via a história da colonização, mas hoje em dia, terão caído em desuso, ao ponto de ganharem a validade de verdadeiro exemplo de bilinguismo.

Tal como no exemplo anterior, o leitor concordará que ao confronto com vocábulos desconhecidos corresponde um efeito de estranheza e distanciamento que nos obriga a saborear, intrigados, estas palavras.

Estas escritas deliberadamente bilingues propõem ao leitor um processo em tudo semelhante ao das línguas em contacto durante a colonização, na medida em que o leitor é confrontado com uma realidade estranha que o obriga, ainda que temporariamente, como pacto de leitura, a aceitar no seu leque vocabular e referencial a descoberta das palavras desconhecidas, em quimbundo ou em concani, como aquelas que os exemplos acima citados nos trazem. Num contexto de afirmação cultural pós-colonial, o produto híbrido representado pela contaminação de dois sistemas linguísticos recorda-nos que as culturas locais não foram anuladas pela norma europeia nem a contaminação ocorreu num único sentido.

3

No terceiro e último exemplo proposto encontramos um texto em língua portuguesa onde foram inseridos vocábulos ou expressões do crioulo cabo-verdiano:

“Andresa ajeita a mala sobre os joelhos, acaricia o fecho de tartaruga, num gesto vago, sem atinar porque dera conversa à senhora. Conchêl, porquê? Dondê? Só se for dó tempo do chá de fedagosa. Sou mesmo disparatenta.”

(Orlanda Amarílis, “Cais do Sodré” 1974: 10)

Se entendermos este bilinguismo como provocação ao leitor, como convite a uma leitura interactiva em que o leitor é levado a inferir, ou, se necessário, procurar no glossário o significado das palavras que desconhece, então este bilinguismo tem de ser interpretado num contexto de procura de proximidade em relação ao que é diferente da norma que se conhece. Como a emigração cabo-verdiana é significativa em Portugal e como muitas vezes os emigrantes são marginalizados por serem diferentes dos portugueses, escolhi este último excerto de Orlanda Amarílis para terminar as reflexões aqui apontadas porque

se trata de uma narrativa que acontece em Lisboa, num dos comboios suburbanos por onde passam todos os dias milhares de lisboetas e milhares de imigrantes. Este texto dá-nos conta desta realidade linguística, aqui, em Portugal, e creio que abre horizontes de pesquisa onde será possível estudar bilinguismos silenciados, e cujo estudo é necessário porque nos permite fazer um mapa mais actual de uma realidade multicultural que Portugal, no século XXI, vai inevitavelmente viver, com todas estas *nuances* e variabilidades.

Referências

- AMARÍLIS, Orlanda (1974), "Cais-do -Sodré" in *Cais-Do-Sodré Té Salamansa*, Coimbra: Centelha.
- DEVI, Vimala (1962), *Súria*, Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- VIEIRA, Luandino (2006), *O Livro dos Rios*, Luanda: Editorial Nzila.
- FLORES, Cristina (org.) (2008), *Temas em Bilinguismo*, Coleção Hespérides - Linguística, 7, Braga: Universidade do Minho.
- SOLOVOVA, Olga (2008), "Estratégias de compreensão da literacia multilingue: a perspectiva do parentiz" in Cristina Flores (org.), *Temas em Bilinguismo*, Coleção Hespérides ? Linguística, 7, Braga: Universidade do Minho, pp. 139 - 174.